

Modos de Pensar, Modos de Fazer na Pesquisa sobre a Brincadeira dos Cocos na Paraíba

Eurides de Souza Santos

Resumo

O quinto encontro da ABET instigou discussões gerais sobre os modos de pensar e fazer a pesquisa etnomusicológica, com vistas nas perspectivas teóricas e metodológicas que envolvem a produção científica na área como um todo. Este artigo traz para o centro dessas discussões as pesquisas sobre a brincadeira dos cocos na Paraíba, refletindo sobre questões que permeiam as relações entre pesquisador, pesquisado e instituições responsáveis por políticas públicas culturais. Destaca o dinamismo dos brincantes enquanto resposta às dificuldades sociais, econômicas e políticas enfrentadas na manutenção da tradição dos cocos.

Palavras-chave: brincadeira dos cocos; música tradicional da Paraíba; políticas públicas culturais; cultura popular.

Abstract

The fifth conference of Brazilian Association for Ethnomusicology (ABET) has exposed many ways of thinking and doing ethnomusicological research considering methodological and theoretical perspectives which involve the scientific production on this area as a whole. This paper brings to the center of these discussions the *brincadeira dos cocos* in Paraíba as well as it ponders on questions which come across the relations between researcher, subject and institutions whose responsibility extends to cultural public politics. It also highlights the coquistas dynamics as a response to social economical and political difficulties faced in the safeguarding of the Cocos tradition.

Keywords: Brincadeira dos cocos; traditional music of Paraíba; cultural public politics; popular culture.

Cinco encontros da Associação Brasileira de Etnomusicologia (2002-2011) e cinco anos da criação do mestrado em Etnomusicologia na UFPB (2006-2011). Dois renovos da realidade do estudo musical no Brasil que, a exemplo da própria disciplina, marcam presença nos seus espaços de atuação desde os primeiros passos, causando muitas vezes surpresas, desconfortos e/ou esperanças. Oportuno se faz destacar os esforços de um conjunto de profissionais e estudantes que têm se aliado na construção de um saber interdisciplinar, contínuo e aberto à pluralidade e complexidade dos fenômenos musicais e culturais, em meio aos constantes entraves do cotidiano da vida acadêmica. As experiências do dia a dia na instituição e na sociedade mais ampla nos fazem viver a etnomusicologia como sendo “um estado de espírito” que nos faz acreditar na mudança, no novo, enquanto defendemos tradições. Além de estudar músicas, somos constantemente intimados, por razões subjetivas ou objetivas, a participar das demandas

sociais em questões tantas que podem envolver direitos humanos, educação, elaboração de leis e projetos culturais, entre outras, nas quais, em casos não raros, nos tornamos interlocutores dos grupos pesquisados.

Esta realidade experimentada por etnomusicólogos, nos diversos contextos geográficos, denota uma trajetória de reflexões e participações em propostas multi e interdisciplinares que marcam a história da disciplina. Como observou Béhague, “a interdisciplinaridade [que] era, desde o princípio, o elemento primordial da própria constituição da etnomusicologia, passou a uma fase de evidente maturação” (2005, p. 47). A visão interdisciplinar na etnomusicologia possibilita a construção de um conhecimento contextual conectado com as demandas científicas do nosso tempo, e contribui para uma indispensável visão de transcendência e continuidade nos processos de pesquisa, mormente no que diz respeito aos resultados destes na vida dos grupos sociais estudados.

Nesta perspectiva, fazer pesquisa dentro de uma visão ampliada e enriquecida pelos diversos saberes, constituiu-se em condição imprescindível para ultrapassarmos os limites do pensar de cunho exclusivamente teórico e passarmos aos desafios de uma postura participativa, presente e socialmente comprometida. Loughran (2008, p.52) define a “etnomusicologia aplicada como uma abordagem filosófica para o estudo da música na cultura com a responsabilidade e justiça social como princípios”. Desta forma, enquanto etnomusicólogos/pesquisadores, procuramos dar respostas razoáveis aos constantes questionamentos que nos fazemos bem como àqueles que nos chegam da realidade circundante. São perguntas de cunho subjetivo e objetivo que nos colocam diante da provocação apresentada por Bobbio (1997, p. 97) quando diz: o intelectual age com base na ética da pura intenção ou com base na ética da responsabilidade?

Refletindo sobre as vantagens e desvantagens da pesquisa de campo de longa duração, Seeger observa que

Cada vez mais, indivíduos e comunidades com as quais os pesquisadores trabalham exigem que o pesquisador se envolva em algum projeto de interesse da comunidade. Ao mesmo tempo, muitos pesquisadores sentem-se moralmente obrigados a assir aqueles que consideram estar em situação de necessidade (SEEGGER, 2008, p. 6).

Importante fator impulsionador dessa etnomusicologia participativa no Brasil, nestes últimos anos, têm sido as discussões sobre as políticas públicas para a cultura e seus aprofundamentos nas reflexões sobre ética na pesquisa, como tem sido evidenciado nos trabalhos de Araújo (2005; 2006), Lucas (2001; 2006), Lühning (2006; 2011), Sandroni (2005; 2010), Seeger (1987; 2008), entre outros. No entanto, muito do que temos hoje como fonte para entendermos as culturas que estudamos na contemporaneidade e nos aproximarmos da realidade sociocultural dos seus fazedores vem da atitude interdisciplinar e participativa de estudiosos das manifestações populares, muitos deles, folcloristas. O estudo dos cocos nos serve de exemplo.

O registro sistemático dos cocos na Paraíba tem seu marco histórico no trabalho de Mário de Andrade entre 1928-1929 e das Missões de Pesquisas Folclóricas em 1938, cujos resultados vêm a ser publicados em 1984, na obra “Os cocos”, organizada por Oneyda Alvarenga. O caráter inovador do trabalho de Mário de Andrade foi pautado

pela percepção de uma oralidade constituída de nomes, rostos, vozes, perfis, gestos, opiniões, lugares, sentimentos, enredos, músicas e danças. Ele e sua equipe reuniram ciência e humanidade em um ambiente de pesquisa marcado pelo estigma da não sistematicidade. Esse modo de sentir e agir na experiência da pesquisa vai se somar ao pensar e fazer científicos assumidos por Mário de Andrade, como podemos verificar no seu pensamento expresso na introdução da obra inacabada “Na Pancada do Ganzá”.

Este não é um livro de ciência, evidentemente, é um livro de amor. Estarão sempre muito enganados os que vierem buscar nele a sistemática dos fatos musicais e poéticos do Nordeste. [...] O que vale aqui é a documentação que o povo do Nordeste me forneceu. Procurei recolher esses documentos, da maneira, essa sim, mais cuidadosa, mais científica. Segui, na colheita folclórica, todos os conselhos e processos indicados pelos folcloristas bons. Ouvi o povo, aceitei o povo, não colaborei com o povo enquanto ele se revelava. (ANDRADE, 2002, p. 387-388).

Em 1964, o folclorista Altimar Pimentel publicou a obra “O coco praieiro: uma dança de umbigada”, com 2ª edição em 1978 e nova publicação em 2004. Nela o autor descreve a brincadeira dos cocos no município de Cabedelo, discute as possíveis origens, apresenta transcrições de letras e músicas, apresenta seus interlocutores e os principais brincantes da época. Pimentel iniciou suas pesquisas sobre os cocos da Paraíba quando trabalhava como conferente no porto da cidade de Cabedelo. Ao observar o movimento dos trabalhadores ele escreveu:

Cantavam cocos enquanto conduziam as mercadorias para dentro do armazém ou as atavam no estropo [...]. Os cantos ouvidos no cais me encantaram. Quis saber deles, o que eram, o seu significado, e assim, nos meus vinte anos de idade, completados naqueles trabalhos, iniciei-me nos mistérios da sabença popular. Fui ouvi-los em suas casas, compareci às festas, gravei contos e cantos, vi danças em noites sem fim, fiz amizades que ainda guardo [...] (PIMENTEL, 2004, p. 27-28).

Ainda, na década de 1970, foram feitos alguns levantamentos sobre a existência dos cocos na Paraíba, sob a coordenação de professores ligados ao Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular - NUPPO/UFPB (AYALA; AYALA, 2000 p. 27) .

Uma publicação mais recente, a obra “Cocos, Alegria e Devoção”, organizada por Maria Ignez Ayala e Marcos Ayala, publicada em 2000, constitui-se em abrangente registro científico sobre os cocos da Paraíba, resultante de pesquisas de caráter multi e interdisciplinar, realizadas durante a década de 1990. Entre as muitas contribuições desta obra, está a preocupação por parte dos pesquisadores de não apenas descrever e registrar a brincadeira dos cocos no contexto paraibano, mas trazer para o centro das discussões acadêmicas a situação socioeconômica dos brincantes, os problemas relacionados à moradia e uso da terra, a desagregação entre grupos de dançadores, os preconceitos e as condições mais gerais da manifestação no período da pesquisa. Diante dos problemas constatados, os autores foram objetivos ao afirmar que, “sem as garantias mínimas de cidadania, é muito difícil ter autonomia para desenvolver atividades culturais independentemente de interferências de grupos de poder – proprietários rurais e políticos” (2000, p. 36).

Uma vez fundamentada nas ideias de continuidade e transcendência, a obra de AYALA e AYALA tem influenciado trabalhos científicos sobre os cocos da Paraíba em

pesquisas desenvolvidas por acadêmicos das diferentes áreas, tais como, a antropologia, comunicação, educação, letras, etnomusicologia, entre outras; além disso, o corpo de informações resultante das pesquisas documentadas na obra acima citada constituiu-se em dados imprescindíveis para a concretização do “projeto Inventário dos Cocos como Patrimônio Imaterial Brasileiro”, citado adiante.

Com os programas de políticas públicas para a cultura e, sem dúvidas, o acesso mais fácil ao registro das manifestações populares, existe hoje uma quantidade significativa de documentos sobre os cocos em CDs e DVDs, em geral, com produção intermediada por músicos, pesquisadores e agentes culturais. Os trabalhos de grupos e cantadores individuais podem ser encontrados também na internet, em geral, com vídeos e fotos postados a partir de apresentações em eventos públicos. Fato relevante na discussão atual sobre os cocos foi o Encontro de Cocos do Nordeste, em dezembro 2009, em João Pessoa, que reuniu grupos de cantadores e dançadores de várias cidades da região visando à apresentação, compartilhamento e discussão das condições de “trabalho” nas comunidades onde vivem.

A partir desse evento e com base na visão de uma realidade urbana complexa e rica de manifestações culturais e musicais, em 2009, criamos o Núcleo de Estudos em Performance e Estética Musical, como parte de um projeto mais amplo de pesquisa da área de Etnomusicologia do PPGM/UFPB. A participação no citado Encontro foi fundamental para o início dos contatos com os cantadores e dançadores, no sentido de conhecermos melhor suas atividades, ideias, planos e condições de vida atuais. O núcleo desenvolve pesquisa com foco no trabalho de músicos da cultura popular da Paraíba, a exemplo de estudos sobre a cantora Vó Mera (SANTOS, 2010), o cantor Mestre Jove (SANTOS, 2011) e o músico Baixinho do Pandeiro (2012). Também procura estimular o diálogo entre a academia e os grupos populares, promovendo oficinas e palestras ministradas por mestres.

O estudo dos cocos é uma experiência empolgante! O conhecimento sobre os seus personagens, ritmos, danças, melodias, letras, histórias, significados, entre outros aspectos, é de total interesse da pesquisa realizada pelo Núcleo. No entanto, o estudo dessa expressão hoje, na Paraíba, passa inevitavelmente pela problemática questão “acre-doce” das políticas públicas voltadas para a cultura popular. É evidente que os cocos, assim como as manifestações populares em geral, são mantidos tradicionalmente pelos seus fazedores e por mantenedores tantos que atuam em seu favor: pessoas da comunidade, instituições religiosas, escolas, prefeituras, ONGs, entre outros. Interessamos então refletir sobre a situação sociocultural dos cantadores e dançadores na Paraíba frente às políticas públicas implantadas nesta última década.

Para esta discussão, tomaremos como recorte o depoimento de cinco mestres paraibanos, todos com grupos formalizados através de registro na Subsecretaria Estadual de Cultura da Paraíba e /ou nas Subsecretarias de seus municípios e inseridos, de algum modo, em programas de políticas públicas. São eles Dona Teca de Cabedelo, Dona Edith de Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande), Dona Lenira do Novo Quilombo de Gurugi (Conde), Vó Mera de João Pessoa e Mestre Jove de Forte Velho (Santa Rita). Os depoimentos das três primeiras mestras, citados a seguir, foram recolhidos a partir das discussões realizadas por ocasião do I Encontro de Cocos do Nordeste, e corroboram as falas de Vó Mera e Mestre Jove, registradas em encontros individuais e sistemáticos, realizados nestes últimos dois anos.

Mesmo tomando por base os depoimentos apresentados no citado Encontro, vale ressaltar que as narrativas refletem, de forma generalizada, as relações entre os grupos de cocos paraibanos e as instituições estaduais e municipais – em especial no que diz respeito ao contato aproximado entre os representantes de ambas as partes – quando buscam entendimentos sobre apresentações nos eventos do calendário de atividades culturais realizadas em âmbitos estadual e municipal.

Considerando o dinamismo da brincadeira dos cocos, visível para aqueles que acompanham tal manifestação na Paraíba, e por meio dos depoimentos, é possível afirmar que a possibilidade de maior circulação e participação na agenda cultural do Estado representa hoje a maior conquista no âmbito das políticas públicas. No entanto, essa conquista por si não constitui fator de viabilização, transformação ou desenvolvimento no status socioeconômico destes grupos e pouco tem contribuído para “o exercício pleno da cidadania”, como rezam os princípios do Plano Nacional de Cultura (PNC). Problemas pontuais são observados a partir das demandas para as apresentações em palco, bem como para os deslocamentos (circulação e intercâmbio).

Entre as demandas estão a falta de recurso para compra de roupas; a falta de equipamentos de som, nem sempre existentes nos lugares de apresentação, a exemplo das escolas; a falta de recursos para compra e conserto de instrumentos musicais; a dificuldade de se conseguir transporte e, na maioria dos depoimentos, o descaso com o cumprimento de horário, quando o transporte é adquirido através de órgãos públicos, chegando a atrasar uma manhã, uma tarde; o não cumprimento de prazo ou não pagamento de cachês; o não acesso ou dificuldade de diálogo com autoridades. Somado a estas questões está o clientelismo que tem caracterizado as relações entre grupos de cultura popular e gestores das administrações locais. A fala de Dona Edith de Caiana dos Crioulos reflete alguns destes aspectos, quando ela diz:

eu sou cirandeira, canto ciranda, coco de roda, sou a coordenadora da ciranda lá da Caiana dos Crioulos, já tenho me apresentado em diversos lugares, e a minha dificuldade é a de todos aqui: eu não tenho muito apoio de prefeitura, as roupas da gente, a gente compra com o nosso suor do nosso rosto, [...], são dezesseis mulheres, o grupo todo são vinte e três; aí, às vezes, a gente pede o carro na prefeitura, é uma grande dificuldade para arrumar o carro [...] (depoimento gravado em DVD).

Sobre os mesmos problemas, Dona Lenira do Novo Quilombo do Gurugi, no município do Conde, disse o seguinte:

[...] tem pessoas que convidam o grupo pra brincar e acerta o transporte; a gente se arruma, dizendo [eles] que o carro chega às 5h. Então, todo mundo trabalha no campo, perde meio dia, porque o roçado às vezes é longe, perde meio dia pra vim pra casa, pra esperar o transporte [...]; a gente sai às 8h da noite com a cara mexendo, e o transporte não vai apanhar o grupo. Isso, os componentes do grupo vêm em cima de mim, [...] perguntando, cadê? fazendo a gente ficar bestando e a gente ficar com a cara de tacho mesmo, porque a gente não tem o que responder pra eles (depoimento gravado em DVD).

O entendimento da situação atual dos cantadores e dançadores de cocos, inseridos nos programas governamentais, implica a compreensão das relações que envolvem o

binômio, políticas públicas e gestão dos bens públicos. Em 2004, durante o II ENABET, Samuel Araújo trouxe para a mesa de debates preocupações que surgiram a partir de uma leitura atenta de um discurso do então ministro da cultura, Gilberto Gil, proferido em outubro daquele ano. Entre outros aspectos, Araújo chamava a atenção para a

“a ideia de cidadania como a que se deve proporcionar o acesso, tendo como instrumento ‘facilitador’ o poder público e desconsiderando o papel de uma práxis eventualmente desestabilizadora da própria noção do que seja um poder público” (2005, p. 72).

Desde o seu nascedouro em organismos internacionais até chegar aos destinatários, as políticas públicas destoam entre os ruídos das hierarquias, os entraves das burocracias e as idiossincrasias que envolvem as relações de proximidade. No texto de apresentação do relatório Patrimônio Imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais, o representante da UNESCO no Brasil, Vincent Defourny, afirma que

Se, por um lado, o país é referência pela formulação e pela implementação deste modelo de política, por outro, considera-se um grande desafio a efetivação do processo junto às esferas estadual e municipal. A dimensão territorial, a complexidade das articulações burocrático-legais e o ainda incipiente investimento em capacitação na gestão pública configuram-se como obstáculos à normatização do direito de salvaguardar o conjunto de conhecimentos tradicionais, a oralidade, os saberes e as manifestações artísticas da população brasileira e para ela como um todo (DEFOURNY, 2008, p. 7).

Na tentativa de corresponder às exigências dos financiamentos públicos, muitos cantadores, intermediados ou não, têm se lançado na problemática tarefa de registro, até que possam declarar com orgulho: “o meu grupo é registrado”, como reforça Dona Teca do Coco, do município de Cabedelo.

eu não tinha nem zabumba, eu não tinha nada. Quando fiquei responsável [pelo grupo], nem a zabumba eu tinha condições de comprar com meu salário, mas eu corri atrás, corri atrás, olha, é porque eu sou muito teimosa, quando eu quero uma coisa, eu vou atrás mesmo. Então eu consegui dois zabumbas; hoje, graças a Deus, o meu grupo já é registrado federalmente, são trinta e três pessoas no grupo (depoimento gravado em DVD, op.cit.).

Seguindo a corrida para a consecução de recursos, os brincantes descobrem que as dificuldades com o registro e concorrência nos editais são apenas alguns dos passos de um caminho muito longo que eles ainda têm que trilhar. Depois de atravessar a via crucis do entendimento e cumprimento das exigências da legislação, deparam-se com a inviabilidade da práxis administrativa pública local. As dificuldades de acesso democrático aos recursos destinados aos bens culturais refletem as contradições no gerenciamento dos bens e serviços no âmbito do poder público em seus diversos níveis. Por outro lado, em alguns casos, situações de miséria ou condições mínimas de cidadania tendem a confundir os escassos recursos para o desenvolvimento cultural com as necessidades básicas de sobrevivência.

Mas, o que a Etnomusicologia tem a ver com isso? E de que forma esta realidade “extramuros universitários” afeta a Etnomusicologia na Paraíba? Evidentemente, não há

uma resposta definitiva para estes problemas. A presença do pesquisador, que é constantemente convocado a participar de discussões, elaborações e análises de propostas de leis e projetos culturais, pode ser fundamental neste aspecto. Em muitos momentos, quando os pesquisados não dispõem de instrumentos para dar conta da realidade burocrático institucional da cultura, o papel do pesquisador pode ser valioso para suas vidas, desde que o compromisso ético-científico seja priorizado.

Um fato corrente entre pesquisadores tem sido a ocupação de cargos públicos no campo da cultura. Esta constatação não constitui regra muito menos solução apontada para as questões aqui discutidas, mas, seja por candidatura ou a convite (em geral, com maior ocorrência), esse tem sido um caminho verificável, pelo qual alguns pesquisadores encontram saídas para uma participação mais eficaz e com possibilidade de alcançar resultados que se aproximam mais das necessidades observadas no diálogo com seus interlocutores do campo. Temos como exemplo, os autores, acima citados, que realizaram pesquisas sobre os cocos na Paraíba, Mário de Andrade, Altamar Pimentel e Maria Ignez Ayala e exerceram cargos públicos na área da cultura.

Entre os importantes avanços alcançados pelos fazedores da cultura na Paraíba, (agentes de cultura, pesquisadores, gestores públicos) podemos destacar a concessão de 24 títulos de mestres das artes, dentro do número possível de trinta concessões, como está na lei “Canhoto da Paraíba”, aprovada em 2004. Entre os já beneficiados, estão as Ceguinhas de Campina Grande (Maroca, Poroca e Indaiá), Benedito do Rojão, Teca de Cabedelo, Mousinho e Caximbim, Mané de Bia, Zabé da Loca e Baixinho do Pandeiro. Todos estes cantadores de coco.

No texto intitulado “Considerações sobre a importância do Inventário dos Cocos do NE”, anexado ao relatório da primeira fase, enviado ao IPHAN, os autores comentam:

Os cocos do Nordeste são hoje um gênero em plena vitalidade, cantado, dançado e apreciado por muita gente, gente velha, gente adulta e gente bem moça. Trata-se de uma tradição musical muito rica, que também merece ser mais bem conhecida e valorizada por todos nós. Por outro lado, devemos lembrar que o tratamento dispensado à cultura oral varia bastante nesta grande região, principalmente quando se trata de comunidades tradicionais, negras, indígenas, existentes na periferia das cidades e em áreas rurais. São pouquíssimos os cantadores e dançadores existentes em comunidades tradicionais que ganham evidência. Raras exceções em meio a inúmeros que continuam sem acesso aos bens mínimos, necessários à cidadania (AYALA; AYALA; SANDRONI, 2009, p.16).

Muitas respostas surgem dos próprios grupos e pessoas estudadas, uma vez que eles não pararam no tempo para esperar soluções para os seus problemas. Os conflitos entre coquistas e gestores das políticas públicas existem e se dão em meio às ações continuadas destes grupos, principalmente aquelas voltadas para manutenção da brincadeira dos cocos nos eventos próprios das suas comunidades, não deixando de atender convites daqui e dali, agarrando todas as oportunidades que lhes aparecem. Aos estudiosos cabe a participação para além da pesquisa em si, como também concluem os autores do texto acima citado.

Ter-se-á, por um lado, o Inventário dos Cocos do Nordeste pronto, o que é fundamental para a obtenção do registro desta forma de expressão. Por outro lado,

teremos condições de avaliar quais comunidades precisam de um plano de salvaguarda que lhes garanta não só a continuidade da forma de expressão que lhes dá identidade cultural, mas que possa servir como um instrumento para dar mais visibilidade e condições de inclusão através da cultura comunitária de tradição oral (Idem. Ibidem).

À guisa de conclusão, os cocos da Paraíba, nas suas diversas formas, são cantados no labor cotidiano, nos momentos de lazer, aniversários, como canção de ninar, nas festas comunitárias, nos rituais religiosos, a exemplo das novenas, do toré e do culto da jurema. Estão presentes em trilhas sonoras, nos corais, nas bandas de pífano, no carnaval, nos programas de rádio, nas escolas. Situações estas que perpassam e ao mesmo tempo exigem atuações eficazes nas políticas públicas.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de. Os cocos. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ARAÚJO, Samuel. Políticas públicas para a cultura no governo Lula: um breve comentário. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 2004, Salvador: Anais do II Encontro Nacional da ABET. Salvador: ABET/CNPQ/CONTEXTO, 2005. p. 71-78.

ARAÚJO, Samuel et alli. A violência como conceito na pesquisa musical; reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré, Rio de Janeiro. In: Revista Transcultural de Música, n. 10, 2006. Disponível em: < <http://www.sibetrans.com/trans/a148/a-violncia-como-conceito-na-pesquisa-musical-reflexes-sobre-uma-experincia-dialogica-na-mare-rio-de-janeiro>>. Acesso em 10 de maio de 2011.

AYALA Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos. (Orgs.) Cocos, alegria e devoção. Natal: EDUFRN, 2000.

AYALA, Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos. SANDRONI, Carlos. Considerações sobre a importância do Inventário dos cocos do NE. [texto anexado ao] Relatório final do Projeto: Inventário dos cocos como patrimônio imaterial brasileiro. Referente ao CONVÊNIO N.º 702707/2008 (IPHAN/Coletivo de Cultura e Educação Meio do mundo), João Pessoa, 2009. 1 DVD anexo.[texto não publicado].

BEHAGUE, Gerard. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 2004, Salvador: Anais do II Encontro Nacional da ABET. Salvador: ABET/CNPQ/CONTEXTO, 2005. p. 39-47.

BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1997.

DEFOURNY Vincent. A UNESCO e o Brasil: alinhamento histórico nas proposições para o patrimônio imaterial. In: CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília Londres. Patrimônio imaterial no Brasil. Brasília: UNESCO/ Educarte, 2008. p. 7-8.

FERNANDES, Florestan. O folclore em questão. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUCAS, Glaura. Os Sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LUCAS, Glaura; LUZ, J. B. (Orgs.). Cantando e reinando com os Arturos. Belo Horizonte: Rona, 2006.

LUHNING, Angela. Etnomusicologia brasileira como etnomusicologia participativa: inquietudes em relação às músicas brasileiras. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; QUEIROZ, Ruben Caixeta de. (Orgs.) Músicas africanas e indígenas no Brasil. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2006. p. 37-55.

_____. O papel dos “mitos modernos” na etnomusicologia. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA, 5, 2011. Belém. Anais do V Encontro Nacional da ABET. Belém: UFPA, 2011. Disponível em www.abetmusica.org.br. Acesso em 10 de janeiro de 2011.

LOUGHRAN, Maureen. “But what if they call the police?” Applied Ethnomusicology and Urban Activism in the United States”. In: Applied Ethnomusicology. Musicological Annual Ed. Svanibor Pettan, 2008, 44/1, 51-66.

MESTRE JOVE. Mestre Jove: depoimento [novembro de 2009] Entrevistadora: Eurides de Souza Santos. Gravação em HDD por Marília Cahino Bezerra. João Pessoa, 2009. 2 DVDs.

PIMENTEL, Altamar de Alencar. O coco praieiro: uma dança de umbigada. João Pessoa: Caravela 1964; 2ª. Ed.: João Pessoa, Editora Universitária/UEPB, 1978.

_____. Coco de roda. João Pessoa: Gráfica Mundial, 2004.

SANDRONI, Carlos. O lugar do etnomusicólogo junto às comunidades pesquisadas: devolução de registros sonoros como imperativo científico. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA, 2004, 2, Salvador. Anais do II Encontro Nacional da ABET. Salvador: ABET/CNPQ/CONTEXTO, 2005. p. 49-56.

_____. Samba de roda, patrimônio imaterial da humanidade. Estudos Avançados, v. 24/69, p. 373-388, 2010.

SANTOS, Eurides de Souza. A construção biográfica na cultura popular: narrativas da cantora de coco-de-roda e ciranda, Vó Mera. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 20, 2010, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UDESC, 2010. 1 CD-ROM.

_____. O Tempo de Mestre Jove: memórias do coco de Forte Velho. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA, 5, 2011. Belém. Anais do V Encontro Nacional da ABET. Belém: UFPA, 2011. Disponível em www.abetmusica.org.br. Acesso em 10 de janeiro de 2011.

SEEGER, Anthony. Why Suyá sing: a musical anthropology of an amazonian people. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. Long-Term Field Research in Ethnomusicology in the 21st-Century. Em Pauta, Porto Alegre, v. 19, n. 32/33, 3-20, janeiro a dezembro 2008. ISSN 1984-7491

VÓ MERA. Vó Mera: depoimento [novembro de 2009] Entrevistadora: Eurides de Souza Santos. Gravação em HDD por Marília Cahino Bezerra. João Pessoa: Acervo de Vó Mera. 2009. 2 DVDs.

Discografia

AYALA Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos. (Orgs.) Cocos, alegria e devoção. Natal: EDUFRRN, 2000. 1 CD. (encarte).

CAIANA DOS CRIoulos. Ciranda, coco de roda e outros cantos. Projeto Memória Musical da Paraíba, vol. 1. Produção de Socorro Lira, S.l.:S.n., 2003. 1 CD.

CAJU E CASTANHA. Vindo lá da lagoa. S.l.:Trama, 2000.

CHICO ANTÔNIO. No balanço do Ganzá. Itaú Cultural, 1998. Coleção Itaú Cultural, Acervo FUNARTE de Música Brasileira, 57.

GRUPO FOLCLÓRICO. Coco de roda e ciranda Mestre Benedito. Cabedelo: Produção e direção artística de Tadeu Patrício, 2007. 1 CD.

MANÉ DE BIA [Manoel Mariano da Silva] Com o coco eu desafio o mundo: cocos aboios e outros poemas. Organização e pesquisa de Maria Ignez Ayala. João Pessoa: Meio do Mundo/ Campina Grande: Bagagem, 2009.

DESENCOSTA DA PAREDE. O canto-dança da comunidade de Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande. Projeto Memória Musical da Paraíba. Vol.3. Produção de Socorro Lira S.l.:Sn, 2007. 1 CD.

VÓ MERA. Vó Mera e seus netinhos. João Pessoa: DECOM/UFPB, 2007. 1 CD.

Documentários (filmes e vídeos)

A PESSOA É PARA O QUE NASCE. Direção de Roberto Berliner, 84 min, 2004. 1 DVD.

A BRINCADEIRA DOS COCOS. Direção de Elisa Cabral e Argumento e pesquisa de Maria Ignez Novais Ayala, 1997. (Vídeo gravado em SVHS e VHS/NTSC).

CHICO ANTÔNIO - o herói com caráter. Direção de Eduardo Escorel, 35mm, cor, 40 min, 1983.

EU TIRO O COURO DO DANÇADOR – Coco de tebei. Argumento e pesquisa de Gustavo Vilar, 2008. (DVD)

GRUPO FOLCLÓRICO. Coco de roda e ciranda Mestre Benedito. Produção e direção artística de Tadeu Patrício. Cabedelo: S.n., 2007. (DVD).

SERENÁ, SERENÁ: os caminhos do coco de roda e da ciranda na Paraíba direção de, Lorena Travassos. S.l.:S.n., 2006. (DVD).

Sítios contendo registros de cantadores de cocos

<http://brincantesnaparaiba.blogspot.com.br/2011/07/seu-dada-cacique-da-aldeia-cumaru.html>. Acesso em 26 de março de 2012.

<http://www.vozesdemestres.com/profile/HenriqueSampaio>. Acesso em 26 de março de 2012.

<http://professortadeupatricio.blogspot.com.br/p/discografia.html>. Acesso em 26 de março de 2012.

http://www.socorrolira.com.br/projetos_interna.php?id=25. Acesso em 26 de março de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=alHfRR-xApU>. Acesso em 26 de março de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=iOibdbrM378>. Acesso em 26 de março de 2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=YQfOFaJvn6o>. Acesso em 26 de março de 2012.

<http://www.buscamp3gratis.net/ouvir/NGbZ7RutgLw/ciranda-e-coco-de-roda-odete-de-pilar-paraibapb>. Acesso em 26 de março de 2012.